

De volta ao futuro da língua portuguesa.
Atas do V UIO GNR/"Impósio Mundial de Estudos de Língua Portuguesa
Simpósio 6 - Etimologia e linguística histórica da língua portuguesa, 87-104
ISBN 978-88-8305-127-2
DOI 10.1285/i9788883051272p87
<http://siba-esu.unisalento.it>, © 2017 Università del Salento

AINDA SOBRE “AS ORIGENS E ESTRUTURAÇÃO HISTÓRICA DO LÉXICO PORTUGUÊS”: ÉTIMO E PROCESSOS DE FORMAÇÃO EM DADOS DO ATLAS LINGUÍSTICO DO BRASIL (ALIB)

Américo Venâncio Lopes MACHADO FILHO¹
Isamar NEIVA²

RESUMO

O escopo deste trabalho busca perseguir um panorama renovado da constituição do léxico do português, no esteio e em homenagem ao conhecido texto de Joseph-Maria Piel (1989), publicado originalmente em 1976. Diferentemente, porém, para poder ser um trabalho renovado, ao invés das fontes formativas remotas no espaço europeu, pretende-se observar no Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), recém-publicado (Cardoso et al., 2014b), as denominações utilizadas pelos diferentes dialetos brasileiros, para algumas respostas dos informantes a questões do Questionário Semântico-Lexical (QSL), instrumento metodológico, utilizado por esse importante projeto dialetológico nacional. Como se sabe, no que tange à constituição histórica do léxico do português, podem-se atestar diversos processos formativos, relacionados a variadas motivações, sejam de ordem intra ou extralinguística e, sobretudo, sócio-históricas. Para além da presença de elementos latinos, peculiares às línguas românicas, algumas estruturas léxicas – provindas de elementos não latinos – foram engendradas ou absorvidas no inventário do português, em diferentes momentos da história, nomeadamente em seu processo de transplantação para o Brasil, em que recrudesceram novas unidades lexicais na língua, afluentes de elementos autóctones e africanos. Considerando a perspectiva histórica e variacionista a que se filia esta pesquisa, propõe-se uma breve análise em que se permita o reconhecimento da distribuição de algumas variáveis espaciais registradas em algumas cartas e, em especial, informações sobre sua etimologia. Ademais, considerou-se relevante investigar, através de uma análise qualitativa, a possibilidade de identificar isoléxicas para algumas áreas temáticas observadas nas capitais brasileiras na composição desse importante registro do espólio lexical brasileiro.

PALAVRAS-CHAVE: Constituição do léxico do português, variação dialetal do léxico

1 PPGLinC-UFBA, Instituto de Letras, Departamento de Letras Vernáculas, Rua Barão de Jeremoabo, 147 Campus de Ondina, Salvador, Bahia, Brasil, 40170-115, americovenancio@gmail.com.

2 DO-PPGLinC-UFBA, Instituto de Letras, Departamento de Letras Vernáculas, Rua Barão de Jeremoabo, 147 Campus de Ondina, Salvador, Bahia, Brasil, 40170-115, isa.neiva.letas@gmail.com.

brasileiro, Atlas Linguístico do Brasil.

1 Cartas abertas

Dos instrumentos metodológicos utilizados pelo Projeto Atlas Linguístico do Brasil, o Questionário Semântico-Lexical (QSL) teve sua versão final publicada em Cardoso (2014a:155-172), em que se apresentam 202 questões, distribuídas em 14 áreas temáticas, isto é, 1. Acidentes geográficos, 2. Fenômenos atmosféricos, 3. Astros e tempo, 4. Atividades agropastoris, 5. Fauna, 6. Corpo humano, 7. Ciclos da vida, 8. Convívio e comportamento social, 9. Religião e crenças, 10. Jogos e diversões infantis, 11. Habitação, 12. Alimentação e cozinha, 13. Vestuário e acessórios e 14. Vida urbana.

Dessas, optou-se, neste trabalho, em função de espaço, por analisar as questões 15, 20 e 21, de Fenômenos atmosféricos (cujas respostas esperadas seriam, respectivamente, chuva de pedra, orvalho ~ sereno e nevoeiro ~ cerração ~ neblina); as questões 39, 42 e 50, de Atividades Agropastoris (tangerina ~ mexerica, penca e mandioca ~ aipim); as questões 67, 85 e 86, de Fauna (Galinha D'Angola ~ Guiné ~ Cocar, Libélula e Bicho da fruta).

Esclarece-se que o Volume 2 do AliB se refere, exclusivamente, às capitais dos estados brasileiros. A etimologia, origem ou processo de formação são indicados entre parênteses.

1.1 Fenômenos atmosféricos

1.1.1 *Chuva de pedra*

Decorrente das respostas à questão 15, com a formulação: “Durante uma chuva podem cair bolinhas de gelo. Como chamam essa chuva?”, esse fenômeno obteve 6 (seis) variantes comprovadamente dialetais no espaço nacional:

1 Chuva de pedra (*chuva*, latim *pluvia*; *pedra*, latim *petra*) – Mais comum na região Sul, com maior expressão em Curitiba, com 50% das respostas. Presente, também, no Centro-Oeste e, discretamente, no Sudeste. No Nordeste, só ocorre em Aracaju e em

Teresina. No Norte, em Rio Branco e Boa Vista.

2 Chuva de granizo (granizo, do espanhol *granizo*) – Presente em todo o país, é a variante majoritária em quase todos os dialetos, sendo a forma categórica no Rio de Janeiro, e quase categórica em São Luís e Fortaleza, em que convive, apenas, com a realização mínima de *chuva de neve*. No Sul, é utilizada por, aproximadamente, 60% dos informantes, em Florianópolis, e por 50% em Curitiba. No Nordeste, exibe incidência de 20% em Salvador, única capital dessa região em que não é majoritária.

Note-se que, segundo Cunha (1986:393), *granizo* ocorre pela primeira vez apenas no século XVI e provém do castelhano. Corominas & Pascual (1996:196) afirmam que “del castellano proceden el port. *Granizo*, como se ve por la”. Observe-se que a variante arcaica portuguesa, não identificada no Brasil, *grando*, é, para Cunha (1986), atestada no século XIV, sendo diretamente associada à sua etimologia latina *grando, onis*.

3 Chuva de gelo (gelo, do latim *gelus*) – Mais frequente no Nordeste e no Norte, caracteriza uma isoléxica bastante significativa que separa, a partir de uma linha imaginária traçada desde o Distrito Federal para o Oriente e o Ocidente as mesmas diferenças socioeconômicas identificadas nos dois “pedaços” do Brasil. Identificam-se, não obstante, usos discretos em Campo Grande, São Paulo e Porto Alegre.

4 Chuva de neve (neve, do latim *nix, nivis*) – Variante tipicamente nordestina, não ocorrendo apenas em Teresina, mas difundindo-se com pouca representatividade em Manaus e Porto Velho. Em Macapá representa 25%, aproximadamente. Quantitativamente, é mais empregada em Natal, Maceió e Salvador.

5 Chuva de pedra de gelo (gelo, do latim *gelus*) – Essa variante sintagmática exclusiva de Teresina, entre as capitais do Nordeste, conjuga duas variantes também presentes nessa cidade, *chuva de gelo* e *chuva de pedra*, com antes visto. Encontra-se também em pequena percentagem em Cuiabá e Campo Grande.

6 Chuva de granito (granito, de origem obscura) – Convive com a variante *chuva de granizo* em algumas capitais do Nordeste, Salvador, Recife e João Pessoa, sendo na primeira bastante significativa, representando 50% de todas as ocorrências. No Sudeste, só aparece em Vitória e Belo Horizonte, em torno de 20%, e em Goiânia, no Centro-Oeste, algo próximo de 10%.

A variante *chuva de granito* traz um comentário curioso, apresentado em nota no ALiB (Cardoso, 2014b:150): A informante feminina, faixa etária 2, de nível de

escolaridade universitário, diz: “Tá caindo *pedra de gelo*. Agora, que fala mais na televisão *granito*, não sei o que é, mas...”.

Essa questão remete para o que tem defendido Machado Filho (2014:271 e ss.) que acredita que se deva alterar o conceito de variante lexical

para cada forma diferente de se representar, em um mesmo contexto um mesmo valor significativo ou funcional, independentemente de as alterações na forma terem origem fonética, fonológica, morfológica, sintática ou discursiva.

Outras ocorrências únicas foram identificadas, que não representam estatisticamente um dialeto, a exemplo de *Chuva de rosa*, em Belo Horizonte, e *Chuva de flor*, em Campo Grande.

1.1.2 Orvalho

No que tange às respostas à questão 20, cuja formulação: “De manhã cedo, a grama geralmente está molhada. Como chamam aquilo que molha a grama?”, obtiveram-se 5 (cinco) variantes comprovadamente dialetais no espaço nacional: *orvalho*, *neblina*, *sereno*, *garoa* e *neve*.

1 Orvalho (de origem obscura) – Reconhecida em todo Brasil, essa forma não pode ser apontada como representativa de nenhuma região em especial, mas registra-se que tem menor expressão em Porto Velho, Macapá, Maceió e Florianópolis, nas quais é majoritário o uso de *sereno*.

2 Sereno (do latim *serenus, a, um*) – Presente em todas as capitais, tem maior ocorrência em Florianópolis, com mais ou menos 80%, seguida de Salvador, Cuiabá, Rio Branco, Manaus, Macapá, Natal e Goiânia, em que cujos usos ultrapassam os 50% das respostas dadas. Apenas em Teresina, São Paulo e Rio de Janeiro, essa forma é pouco utilizada, variando de 10% a 25%, mais ou menos.

3 Neblina (do espanhol *neblina*, cuja origem latina teria sido *nebula*) – Presente em todo o Sudeste, a lexia ocorre, discretamente, no Norte e Centro-Oeste. No Nordeste, só foi identificada em Teresina e em Maceió (maior índice nacional, algo em torno de 50%) e no Sul, apenas em Curitiba. Interessará saber depois de levantados os dados dos outros pontos, como se manifesta essa variante no interior do Paraná e nas regiões circundantes.

4 Garoa (talvez do latim falado *calugo*, do latim *caligo*) – Apenas ocorre em duas capitais do Sul e do Norte do País, a saber: Porto Alegre e Curitiba; Boa Vista e Porto Velho, nesta com mais de 25% das respostas.

5 Neve (do latim *nix*, *nivis*) – No âmbito das demais variantes identificadas, o fenômeno *neve* só se realiza em Vitória e Teresina, com menos de 10% dos informantes.

1.1.3 Neblina

No tocante à questão 21, “Muitas vezes, principalmente de manhã cedo, quase não se pode enxergar por causa de uma coisa parecida com fumaça, que cobre tudo. Como chamam isso?”, foram obtidas como respostas 7 (sete) variantes: *neblina*, *cerração*, *neve*, *nevoeiro*, *névoa*, *fumaça* e *sereno*.

1 Neblina (do espanhol *neblina*, cuja origem latina teria sido *nebula*) – A neblina se expande por todo o Brasil, dissipando-se apenas em João Pessoa, em que não ocorre uma única vez. Também no Nordeste, é menos expressiva em Natal e em Fortaleza e mais significativa em Aracaju, Maceió, Salvador e São Luís.

2 Cerração (derivado de *cerrar* + *ção*) – No Nordeste, só ocorre *cerração* em Aracaju (-10%) e João Pessoa com o mesmo percentual. Mais presente em Porto Alegre (+60%), Campo Grande e Cuiabá.

3 Neve (do latim *nix*, *nivis*) – Essa estranha escolha lexical, se considerada a componente significativa latina relacionada ao branco ou ao frio, foi mais comum no Norte e no Nordeste, conquanto com baixa frequência, sem, entretanto, ocorrência em São Luís, Aracaju e Maceió. Não se encontra presente no Centro Oeste nem no Sul. No Sudeste só se realiza em Vitória com menos de 15%.

4 Nevoeiro (*névoa* + *-eiro*) – Há nevoeiro em Vitória (mais de 25%), Recife, João Pessoa, Fortaleza, São Luís e Teresina. Ocorre também em Florianópolis, em Cuiabá, Campo Grande, Goiânia e em Manaus, o que demonstra um provável movimento convexo, se observado o Brasil, desde Recife.

5 Névoa (do latim *nébula*) – No Nordeste, principalmente, com forte presença em Fortaleza (50%), acontece também com pouca expressividade no Rio de Janeiro, em Curitiba e em São Paulo.

6 Fumaça (*fumo* + *-aça*) – A presença de *fumaça* é percebida apenas em Natal e Recife (menos de 5%). Isso leva a avaliar se não houve a motivação de gatilho, já que *fumaça* se encontra presente na formulação “parecida com fumaça”, conforme antes visto.

7 *Sereno* (do latim *serenus, a, um*) – Apenas em Manaus e em Macapá, na trilha do rio Amazonas, com pouca expressividade.

Como se pode observar, *neblina*, *sereno* e *neve* ocorrem tanto como variantes para *orvalho* ("vapor de água atmosférica que se condensa e se deposita em gotículas, de manhã cedo e à noite, orvalho"), quanto como variantes de *neblina* ("nevoeiro que dificulta a visão ou orientação espacial"). A carta L04 do ALiB, de natureza semasiológica, apresenta *neblina* com ambas as significações. Isso leva a considerar em perspectiva lexicográfica essa variante como elemento homônimo, merecendo, portanto, tratamento diferenciado, ou seja, indicações sobrescritas (*Neblina*¹ : *Neblina*²), no caso de elaboração de vocabulários, glossários ou dicionários, como se prevê no *Projeto Dicionário Dialectal Brasileiro*.

*Neblina*¹ e *Neblina*² são coocorrentes em grande parte do País, com maior ênfase, no Sudeste e no Norte, em que se realizam em todas as capitais da região, nas duas possibilidades significativas, exceto em Rio Branco. No Nordeste, ocorrem em Teresina e em Maceió; no Sul, apenas em Curitiba; no Centro Oeste apenas em Cuiabá. *Neblina*² não ocorre no restante do Nordeste, do Sul e do Centro Oeste.

Provavelmente, isso seja decorrente de uma acomodação sêmica provocada por perdas e ganhos de traços significativos nos usos linguísticos em função de processo de aquisição do léxico.

1.2 Atividades agropastoris

1.2.1 *Tangerina/Mexerica*

Como respostas à questão 39 “[...] as frutas menores que a laranja, que se descascam com a mão, e, normalmente, deixam um cheiro na mão? Como elas são?”, foram documentadas 9 (nove) formas que se configuram como dialetais:

1 *Tangerina* (da expressão laranja *tangerina* ‘do Tânger’) – Em todo o Brasil, com menor incidência no Pará e Curitiba. Seu uso é categórico no Rio de Janeiro, em Boa Vista e em Macapá. Coocorre apenas com *mexerica* em Salvador, Fortaleza e Belém.

2 *Mexerica* (regressivo de *mexericar*, ‘promover intriga’) – Em contraste ao Rio

de Janeiro, em que o uso de *tangerina* é categórico, como visto, a presença de *mexerica* é majoritária nas demais capitais do Sudeste brasileiro: Vitória, São Paulo e Belo Horizonte. É mais comum também, em Campo Grande, Goiânia e Piauí, com usos percentuais entre 25% e 50% aproximadamente.

3 *Poncã* (do japonês *ponkan*) – Encontra-se, com boa frequência, no Centro Oeste, em Rio Branco e Porto Velho, no Norte, e, também, presente no Sul. No Nordeste, só há *poncã* em Teresina e Aracaju (com percentuais aproximados a 5%), mas muito expressivo em Maceió (+ de 50%) que, estranhamente, é a capital com maior índice de uso dessa variante.

Esse fato revela que nem sempre a distância geográfica equivale à distância linguística.

4 *Maricote* (forma não dicionarizada, talvez variante de *maricota*, ‘mexeriqueira’) – É uma forma típica de São Paulo e do Centro Oeste, mas cujos percentuais são poucos representativos.

5 *Laranja-cravo* (*laranja*, do árabe *narandja*; *cravo*, do latim *clavus*) – É uma variante nordestina de Recife, João Pessoa e Natal, exclusivamente. Apenas Natal não supera os 60% de uso de Recife e João Pessoa, ficando com algo em torno de 40% dos usos.

6 *Tanja* (resultado metaplásmico de redução de *tangerina* + *laranja*) – São Luís e Teresina são as capitais em que essa variante ocorre no Brasil. Nesta, com 20%, aproximadamente; naquela, com quase 50%.

7 *Carioquinha* (de *carioca*, < tupi *karioka*, + *-inha*) – Só ocorre em São Paulo, com pouco mais de 10% das ocorrências.

8 *Mimosa* (talvez do latim científico *mimosa*, por extensão, ‘planta da família das leguminosas’) – Forma majoritariamente utilizada em Curitiba, com mais de 40%, coexistindo com *mexerica*, *tangerina*, *poncã* e *bergamota*.

9 *Bergamota* (do italiano *bergamotto*, ‘variedade de pera’) – Variante principalmente usada em Porto Alegre, por mais de 70% dos informantes. Em Florianópolis é também bastante produtiva com mais de 40%. Em Curitiba, é residual.

1.2.2 *Penca de Banana*

Ainda, em relação às atividades agropastoris, a partir da questão 42, “[...] cada parte que se corta do cacho da bananeira para pôr para madurar/amadurecer?”, foram obtidas como respostas 4 (quatro) variantes:

1 *Penca* (origem obscura) – Presente em todo o País, com exceção de Belém e Recife,

em que se observou *knockout* em favor da forma *palma*, *penca* tem, contrariamente a essas cidades, uso categórico (100%) em toda a região Centro Oeste e em Curitiba e Florianópolis, no Sul, em Vitória, no Sudeste, e em Salvador, no Nordeste.

2 Palma (do latim *palma*) – Setentriamente distribuída, essa forma tem uso categórico em Recife e Belém, como antes visto. Na região Norte, seu uso é muito expressivo, com índices superiores a 70%, não existindo apenas em Macapá.

3 Cacho (talvez do latim *capulu*, ‘punhado’) – Poder-se-ia traçar para essa variante uma isoléxica que representasse um corredor entre a faixa leste e o centro do País. Pode-se dizer que se trata de uma forma típica do leste do Brasil, senão por não estar presente em Florianópolis, Curitiba, Vitória, Salvador, Recife, nesse percurso.

4 Concha (do latim *conchula*) – Encontra-se apenas em duas capitais do Nordeste brasileiro: João Pessoa, em que é bastante frequente, com pouco menos de 50%, e em Natal, com percentual reduzido.

1.2.3 Extremidade da inflorescência da bananeira

Em relação à questão: “[...] a ponta roxa no cacho da banana?”, formulação da questão 44, foram dadas como respostas 9 (nove) exuberante formas:

1 Mangará (do tupi *manga’ra*) – Forma típica do Norte e o Nordeste do país, exceto em Belém, é de uso categórico em Natal, João Pessoa, Manaus e Boa Vista. No Nordeste, não ocorre em Salvador, Aracaju e Maceió. Sem ocorrência no Sudeste, Centro Oeste e Sul do país.

2 Umbigo (do latim *umbilicus*) – Única forma atestada em Belém é também a forma categórica em Belo Horizonte. Seu uso é majoritário em Florianópolis, Vitória, Campo Grande, Goiânia e Cuiabá. Tem menor incidência em Salvador, Porto Alegre, Macapá.

3 Flor da banana ~ da bananeira (*flor*, do latim *flos*, *floris*; *banana*, origem controversa, mas talvez de étimo árabe *banana*, ‘dedo’) – Com maior incidência em São Paulo, em Macapá (50%) e Porto Velho (40%), *flor da banana* ou *da bananeira* ocorre em Porto Alegre e Curitiba, no Sul; no Nordeste, apenas em Recife. A representatividade do uso em Curitiba e Rio Branco é de 25%, Também ocorre em Cuiabá, Vitória.

4 Coração da bananeira ~ do boi ou ~ do cacho (*coração*, talvez do latim falado **coratione*) – Ocorre no Nordeste em Salvador e Aracaju, como mais de 25% das ocorrências. Em São Paulo, Curitiba, Florianópolis, Goiânia, ultrapassa os 50%. Em Cuiabá, algo em torno de 20%.

5 Pendão (do espanhol *pendón*) – Em São Luís e Teresina, representa 50% dos usos. Em Aracaju, 25%.

6 Buzo da bananeira (do latim *bucinum*) – É a forma categoricamente reconhecida em Maceió, com presença de 25% em Aracaju.

7 Mangai (forma não dicionarizada; talvez resultado metaplásmico de *mangalho*, ‘pênis grande’) – Está presente em Recife e em Natal, apenas.

8 Pêndulo (do latim *pendulus*) – Com aproximadamente 25% dos usos em Aracaju e em Fortaleza, aparece na fala de mais de 10% de Campo Grande.

9 Buzina (do latim *bucina*) – Variante soteropolitana, supera 30% dos usos dessa capital baiana. Esta presente também em São Paulo, com 50%.

1.2.4 Aipim

No tocante à questão 50 “[...] aquela raiz branca por dentro, coberta por uma casca marrom, que se cozinha para comer?”, obtiveram-se como respostas as seguintes variantes:

1 Macaxeira (do tupi *maka’xera*) – Forma típica do Norte e Nordeste, não ocorrendo apenas em Salvador, nas capitais desta região. Não foi identificada no Centro-Oeste, no Sudeste, nem no Sul, dividindo o Brasil em duas grandes partes.

2 Mandioca (do tupi *mandi’okai*) – É no Centro Oeste o resultado para 100% das respostas, assim como em Belo Horizonte e São Paulo. É reconhecida, ainda, em parte do Nordeste (Fortaleza João Pessoa Teresina), com discreta presença em Belém e Porto Velho, na região Norte.

3 Aipim (do tupi *ai’pi*) – Tem um comportamento, por assim dizer, irregular no Brasil. Presente em Natal (30%), diminui a incidência em Maceió e Aracaju (10%), é categórica em Salvador, Florianópolis e Porto Alegre e com grande expressividade em Vitória, Rio de Janeiro e Curitiba. Aparece discretamente em Belém.

Interessa reconhecer que, onde ocorre, *mandioca* é interpretada, exclusivamente como ‘raiz venenosa’, em Porto Alegre e Florianópolis, no Sul; em Salvador, Aracaju, Maceió, Recife, Natal e São Luís, no Nordeste; em Macapá Boa Vista, Manaus e Rio Branco, também, no Norte. No restante do país não há unanimidade significativa para esse item lexical, podendo ser interpretada como raiz venenosa ou não.

1.3 Fauna

1.3.1 Galinha D'Angola

Quanto à Questão 67 “[...] a ave de criação parecida com a galinha, de penas pretas com pintinhas brancas?”, percebe-se mais uma vez a riqueza vocabular dos dialetos brasileiros e alguns usos majoritários regionais.

1 Galinha D'Angola (*galinha*, do latim *gallina*) – Existe em todo o Brasil, à exceção de Maceió. É visivelmente uma unidade da metade meridional brasileira. Categórico o uso em diversas capitais, como em Belo Horizonte, Campo Grande, São Paulo, Rio de Janeiro e Curitiba, é bastante expressivo, também, em Cuiabá e Porto Alegre.

2 Tô-fraco (resultado metaplásmico do sintagma verbal “estou fraco”, por processo onomatopaico; *fraco*, do latim *flaccus*, *a,um*, ‘mole’) – Forma típica do Nordeste, não foi indentificada apenas em Natal e Teresina. No Norte, só se encontra em Boa Vista, com percentagem baixa de realização.

3 Capote (do francês *capote*) – Desloca-se de Fortaleza em direção ao norte, passando por Teresina. Nessas duas capitais nordestinas, aproxima-se de 50%. A maior incidência nacional se encontra em Rio Branco, onde só disputa com Galinha D'Angola, esta com algo em torno de 10%.

4 Picote (não dicionarizada com essa acepção) – Característica do Norte brasileiro, essa variante só não é majoritária nessa região em Rio Branco, que, como se viu, opta por *capote*. Está presente, ainda, em Porto Velho (75%), mas não foi identificada no Nordeste, no Sudeste, nem no Sul.

5 Guiné (topônimo africano) – É variante nordestina, mais presente em Aracaju, Recife, João Pessoa e Natal, em que supera, crescentemente os 50%. Em Salvador é de uso discreto e não ocorre em Fortaleza, nem em São Luís.

6 Capão (do latim *cappo*, *-onnis*) – Só acontece em Teresina e em Fortaleza, mas com incidência pouco representativa.

7 Galinha D'água (*água*, do latim *aqua*) – Idiosincrasia de Maceió e de Natal, chega a representar 15% das ocorrências.

8 Saqué (variante não dicionarizada, de origem obscura) – Forma variante de um quarto dos informantes de Salvador, ocorre também em Teresina, com menos de 10%.

9 Catraia (acepção não dicionarizada, conquanto se identifique a acepção para

meretriz nessa forma de origem obscura) – Na pesquisa do ALiB, só foi encontrada em São Luís, em que é utilizada por quase 50% da população.

10 Galinhola (*galinha* + *-ola*) – Justificando idiossincrasias, aparece em Vitória e representa quase 50% dos usos.

11 Angolista (do topônimo *Angola* + *-ista*) – Utilizada por mais de 50% da população de Florianópolis, é reconhecida em Porto Alegre, por 20% dos falantes. Não ocorre em qualquer outra região do Brasil.

12 Cocar (do francês *cocarde*) – É o formato dado por mais de 25% da população de Goiânia, ocorrendo, muito discretamente, também, em Cuiabá.

Essa proliferação de formas se revela de interesse para o conhecimento variacional do léxico do português brasileiro e corrobora a posição de Rossi (1967, apud CARDOSO, 2010, p. 47) de que “a dialetologia não se resume aos atlas linguísticos”, mas antes ajuda a ver o “homem na sua inteireza” (Cardoso, 2010:48), já que é o léxico uma parte importante da identidade ontológica.

Isso remete a uma relevante noção a que se atrela a *Dialetologia* e que se encontra, *mutatis mutandis*, presente no prefácio que Antônio Cândido fez para o célebre livro de Sérgio Buarque de Holanda, *Raízes do Brasil*, que embora longa merece ser repetida sempre:

A certa altura da vida, vai ficando possível dar balanço no passado sem cair em autocomplacência, pois nosso testemunho se torna registro da experiência de muitos, de todos que, pertencendo ao que se denomina uma geração, julgam-se a princípio diferentes uns dos outros e vão, aos poucos, ficando tão iguais, que acabam desaparecendo como indivíduos para se dissolverem nas características gerais da sua época (Cândido, 1995:9).

1.3.2 Libélula

Foram 18 (dezoito) as variantes apuradas nas respostas à Questão 85 “[...] o inseto de corpo comprido e fino, com quatro asas bem transparentes, que voa e bate a parte traseira nas águas?”

1 Libélula (do latim científico *libellula*, do latim *libella*, no diminutivo) – É uma variante disseminada em quase todo o Brasil, mas com maior concentração no Sudeste e no Sul, sendo de utilização categórica em Belho Horizonte. No Nordeste, apenas não ocorre em Aracaju, Maceió e Natal. Não se encontra, também, em Belém, em Macapá e em Rio Branco, conquanto em Boa Vista, Manaus e Porto Velho esteja em torno dos

25%.

2 Helicóptero (do francês *hélicoptère*) – Variante majoritária em Goiânia, não é uma forma muito disseminada no país. Está presente no Sul (Curitiba e Florianópolis) e em São Paulo, único estado do Sudeste a registrar o vocábulo. Para além desses espaços, aparece em Rio Branco e em Natal.

3 Bate-bunda (*bater*, do latim *batere*; *bunda*, do quimbundo *mbunda*) – Divide com *lava-bunda* a hegemonia em Campo Grande, no Centro-Oeste. No Sul, apenas em Curitiba, com 40% aproximadamente de uso.

4 Lava-bunda (*lavar*, do latim *lavare*) – É uma variante capixaba, no Sudeste, e curitibana, no Sul. Em ambas as capitais a ocorrência se encontra acima de 25%. Também acontece em Campo Grande, com antes visto, e discretamente em Goiânia.

5 Lava-cu (*cu*, do latim *culus*) – Teve ocorrência significativa em Aracaju, com mais de 50%, exclusivamente.

6 Lavadeira (*lavado* + *-eira*) – Forma com distribuição espacial bastante irregular, é encontrada em Porto Velho, no Norte, e muita expressividade no Rio de Janeiro, em que representa 50% das ocorrências da capital. Acontece, ainda, em Vitória, com 25%, aproximadamente.

7 Zigue-zigue (talvez de origem onomatopaica) – Característica do litoral nordestino, ocorre algo em torno dos 75% em Maceió, em Natal e em João Pessoa. Em Aracaju, Recife e Fortaleza sua presença é mais discreta. Não foi identificada em Salvador, em Teresina, nem em São Luís.

8 Cigarra (talvez do espanhol *cigarra*) – Acontece no Sul, em Porto Alegre, onde é variante mais utilizada (60%), no Sudeste apenas em São Paulo (30%) e em Vitória (15%); para além de Belém e Macapá com 25%.

9 Jacinta (origem obscura) – Típica dos dialetos do Norte, só não é majoritária em Rio Branco, onde representa 20% dos dados levantados. Não ocorre fora desse espaço regional.

10 Cavalo (do latim *caballus*) – Variante que disputa com Libélula em Salvador a seleção lexical para denominar esse inseto. No Nordeste, está presente também em Recife.

11 Cavalo-do-cão (cão, do latim *canis*) – Só registrada em Rio Branco, com 60% das ocorrências, e discretamente em Porto Velho (10%), no Norte, e em Recife (10%), no Nordeste.

12 Cachimbal (talvez por analogia a *cachimbau*, conhecido como peixe-trombeta) –

Apenas em Aracaju (10%) e em Maceió (25%).

13 Catirina (talvez por analogia à personagem do Bumba-meu-boi, forma variante do antropônimo Catarina) – É a forma usualmente selecionada pelos habitantes de Teresina, que convive também com *Libélula* (10%).

14 Macaco (etimologia provavelmente do subgrupo linguístico banto) – Variante majoritária de São Luís, representando 75% das ocorrências. *Libélula* foi a outra variante identificada (25%).

15 Mané-magro (metaplasmo do antropônimo *Manuel* + *magro*; este do latim *macrum*, de *macer*) – Em Fortaleza, representa mais de 50% das ocorrências.

16 Besouro (talvez do espanhol *abejorro*, aumentativo de *abeja*, “abelha”) – Variante de Florianópolis, exclusivamente, com mais de 50% de representatividade nos dados.

17 Assa-peixe (*assa*, forma finita de assar, esta do infinitivo latino *assare*; *peixe*, do latim *piscis*) – Representa 50% dos usos em Cuiabá, única capital em que se identificou o item.

18 Olho-de-peixe (*olho*, do latim *oculus*) – Metade da população de Cuiabá utiliza essa variante, que disputa a hegemonia com *Assa-peixe* como antes visto.

1.3.3 Bicho da goiaba (*Bicho de fruta*)

Registrada no QSL como Bicho de Fruta, a Carta L13 do ALiB é apresentada sob a denominação de Bicho da goiaba. As variantes apuradas nas respostas à Questão 86 “[...] aquele bichinho branco, enrugadinho, que dá em goiaba, em coco?” foram as seguintes:

1 Bicho da goiaba (*bicho*, do latim *bestium*; *goiaba*, talvez do tupi *acoyaba*) – Só não ocorre em Rio Branco e em Recife, no Brasil. É variante hegemônica no eixo sul-sudeste, sendo forma categórica em Porto Alegre, São Paulo e Rio de Janeiro, mas com índices de uso bem elevados nas demais capitais dessas regiões. Em Vitória, onde exibe menor expressividade, chega a 60% dos usos. No Nordeste, as maiores incidências são em Aracaju, São Luís, Teresina e Natal, oscilando, respectivamente, desde 80% a 50%.

2 Larva (do latim *larva*) – Forma lexical de diferentes espaços nacionais. Ocorre no Sul, com baixa incidência, em Florianópolis e Curitiba; Está no Sudeste, também com baixa produtividade, em Belho Horizonte e Vitória; reaparece no Nordeste, com um pouco mais de ocorrências, em João Pessoa, Natal e Fortaleza (algo em torno de 20% a 25%). Também se manifesta no Norte, em Macapá, Manaus e Porto Velho, com baixa

incidência.

3 *Tapuru* (do tupi *tapu'ru*) – É evidentemente uma variante da região Norte, ocorrendo com bastante expressividade em todas as capitais. No Nordeste, ocorre em São Luís (25%), João Pessoa (40%), Maceió (30%) e em Recife, onde é de uso categórico (100%).

4 *Lagarta* (talvez do latim **lacarta*, pela forma padrão *lacerta*) – Percorre essa variante o litoral brasileiro, desde Vitória até Fortaleza, não existindo apenas em Recife, que como se viu só conhece o *tapuru*. A maior incidência é em Salvador, com mais de 60% dos usos identificados. A menor, em Porto Velho (5%), única capital do Norte a exibí-la.

5 *Broca* (do catalão *broca*) – Está muito discretamente presente em Macapá e Em Porto Velho, no Norte do Brasil.

6 *Gongolô* (talvez do quimbundo *ngongolo*, ‘centopeia’) – É uma das mais utilizadas formas em Porto Velho, com mais de 40%.

7 *Bicho da fruta* (*fruta*, do latim *fructa*) – Variante minoritária em Belém (10%).

8 *Coró* (origem obscura) – Forma majoritária do Centro-Oeste. 75% em Cuiabá e 60% em Goiânia e em Campo Grande.

2 Os diferentes étimos e processos formativos da amostra

Embora se trate apenas de uma amostragem, os resultados publicados nas cartas observadas confirmam, como era de se esperar, a riqueza genealógica do léxico do português brasileiro. Assim como Piel (1989) que já assegurava, para caracterização do inventário lexical do português, uma falta de homogeneidade se excluía a dimensão latina, a breve amostra da variação lexical em capitais brasileiras, aqui exibida, confirma a dinâmica a que se submete esse nível de análise, em função dos contextos sócio-históricos que lhe possa servir de esteio.

Para o autor,

o conjunto vocabular do português nunca se manteve estacionário, antes evoluiu constantemente num ritmo ora mais, ora menos acelerado, evolução que não chegou ainda ao seu termo e que representa o esforço comum de homens procedentes de ambientes geográficos e sociais muito diversos (Piel, 1989:9).

Isso se pôde observar nos dados deste trabalho. Conquanto a base vocabular histórica perpetue a etimologia latina que deu origem ao português, como se vê nos usos reiterados de *sereno*, *concha* ou *larva*, resultados de acomodações fônicas, e mais especialmente sua inexorável presença nos itens mais funcionais, em estruturas locucionais, como as compostas pelos verbos *assar*, *bater* ou *lavar*, em *assa-peixe*, *bate-bunda* e *lava-cu*, é curioso poder perceber que muitas dessas composições dialogam com outras línguas com que o português esteve em contato no percurso de constituição do português brasileiro, como no segundo dos exemplos acima, em que o item *bunda*, tão usual no Brasil, se associa ao verbo latino para expressão referencial variante *bate-bunda*, da forma padrão *libélula*. Ou, mesmo, em compostos com itens lexicais de línguas autoctônes brasileiras, em especialdo tupi, como em *bicho da goiaba*.

Ademais, no levantamento realizado, verifica-se que, para além do étimo latino, muitas variantes advêm de outras línguas românicas, como o francês, o catalão, o castelhano, o italiano, e se mantêm, ainda hoje, em uso em solo nacional.

Interessante notar que das línguas do contato, em que foram majoritárias o tupi antigo e o quimbundo na história, encontraram-se correspondências nesta investigação, como as mais significativas. Quanto a esta última, Tinhorão (1997) já afirmava que, mesmo muito cedo em Portugal, teria o quimbundo fortemente contribuído com a composição lexical da língua, se considerada a

constância das referências a uma língua de negros (...) leva a imaginar que, se tal forma corrompida de falar o português de mistura com termos africanos chegou a constituir quase um dialecto na metrópole, alguma consequência deve ter resultado de tal intercâmbio linguístico. E, na verdade, embora a sintaxe portuguesa continuasse inatingida, pelo facto de as alterações da fala de nego se terem circunscrito sempre à fonética e à morfologia da língua de empréstimo, o léxico não deixaria de acusar, afinal, exemplos resultantes de tão longa troca cultural (Tinhorão, 1997:377).

Obviamente, algumas unidades foram essencialmente construídas pela dinâmica morfológica da língua e outras por processos onomatopaicos, a exemplo de *zigue-zigue* ou *tô-fraco*, subordinados às chamadas competências lexicais de que se servem os utentes da língua nesse processo de apropriação.

Para Correia (2004:42), a

capacidade de um falante de uma língua compreender e produzir palavras construídas novas, que não conhecia até então, é parcialmente semelhante à

competência sintática. Desse modo, entende-se que, da competência lexical, faz parte a competência derivacional.

3 Traçados isolexicais possíveis a partir da amostra

Não são os grandes centros urbanos os melhores espaços para a identificação de isoléxicas, seja em função da descontinuidade geográfica, seja em função dos processos de koiné, próprios da integração metropolitana.

Não obstante, em linhas gerais, pode-se dizer que a *macaxeira*, o *aipim* e a *mandioca* poderiam ser utilizados para caracterizar isoléxicas nacionais, dividindo o país em três grandes áreas de predominância lexical. A *macaxeira* situar-se-ia no Norte e no Nordeste, a *mandioca* ocuparia parte das regiões Sudeste e seria característica do Centro-Oeste, enquanto o *aipim*, seria uma variante do Sul, em distribuição pelo litoral do Sudeste e parcialmente do Nordeste, tendo Porto Alegre, Florianópolis e Salvador, como expoentes isolexicais.

Outro traçado possível, se refere ao uso de *guiné*, de *picote* e da forma padrão *galinha d'Angola*. Esta última é muito mais presente no Sul e no Sudeste, enquanto *guiné* se configura como variante eminentemente nordestina, ao menos da distribuição espacial entre Aracaju e Natal. *Picote*, por sua vez, é característica das capitais do Norte do País, convivendo, também com outras variantes, em especial com a forma padrão.

No que tange às denominações para *libélula*, percebe-se que *jacinta* é forma majoritária do Norte, assim como *zigue-zigue* é em boa parte do litoral nordestino.

Quanto a *bicho de goiaba*, é esta uma frequente variante do eixo sul-sudeste, conquanto se difunda menos expressivamente por todo o País. A variante *lagarta* desloca-se de Vitória até Teresina, não tendo sido identificada nesse traçado, apenas, em Recife, em que a forma *tapuru*, típica do Norte, foi a única às respostas nessa capital.

Os dados não permitiram outras generalizações.

4 Breve conclusão

Foi função deste trabalho observar os primeiros resultados publicados pelo

projeto ALiB sobre as capitais brasileiras, com o intuito de, a título de amostragem, identificar variantes lexicais utilizadas pelos utentes em algumas áreas temáticas investigadas, com vistas ao levantamento de suas etimologias.

Pôde-se perceber como os contatos linguísticos ocorridos no Brasil no processo de constituição do português deixaram marcas indeléveis no léxico, a exemplo de elementos indígenas e africanos, mesmo em uso nos grandes centros urbanos atualmente, assim como a tradição histórica se tem perpetuado, haja vista a presença de elementos românicos, originalmente trazidos pelos portugueses, no processo de transplantação da língua.

Espera-se que este pequeno trabalho possa contribuir para a difusão da variação no Brasil, advertindo-se, em tempo, que só se poderão traçar isoléxicas mais precisas quando os dados dos 250 pontos do AliB estiveram disponíveis para análise.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Barbato, Marcello; Varvaro, Alberto. 2004. Dialect dictionaries, *International Journal of Lexicography*, v. 17, nº 4, p. 429-439.

Cândido, Antônio. 1995. O significado de Raízes do Brasil. In: HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. 26 ed. São Paulo: Companhia das Letras.

Cardoso, Suzana Alice. 2010. *Geolinguística: tradição e modernidade*. São Paulo: Parábola.

Cardoso, Suzana Alice et al. 2014^a. *Atlas Linguístico do Brasil: volume 1*. Londrina: Eduel.

Cardoso, Suzana Alice et al. 2014b. *Atlas Linguístico do Brasil: volume 2*. Londrina: Eduel.

Corominas, Joan; Pascual, José A. 1997. *Diccionario Crítico Etimológico Castellano E Hispánico*. Madrid: Gredos.

Correia, Margarita. 2004. *Denominação E Construção De Palavras*. Lisboa: Colibri.

Cunha, Antônio Geraldo Da. 1998. *Dicionário Etimológico Nova Fronteira Da Língua Portuguesa*. 2 Ed. Rio De Janeiro: Nova Fronteira.

Machado Filho, Américo. 2010. Um ponto de interseção para a dialectologia e a lexicografia: a proposição de elaboração de um dicionário dialetal brasileiro com base

nos dados do ALiB, *Estudos Linguísticos e Literários*, n. 41, p. 49-70.

Machado Filho, Américo. MACHADO FILHO, Américo Venâncio Lopes. 2015. Do conceito de “variante” nos estudos do léxico de perspectiva histórico-variacional. *Filologia e Linguística Portuguesa*, Brasil, v. 16, n. 2, p. 261-275, dez. 2014. ISSN 2176-9419. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/flp/article/view/83852>>. Acesso em: 15 Mar. 2015. doi:<http://dx.doi.org/10.11606/issn.2176-9419.v16i2p261-275>.

Ronco, Giovanni. 2004. Au delà des dictionnaires: les atlas linguistiques. *International Journal of Lexicography*, v. 17, n. 4. p. 441-455.

Teyssier, Paul. 1989. Origens e estruturação histórica do léxico português. In: *Estudos de Linguística Histórica Galego-Portuguesa*, Lisboa, IN-CM, pp. 9-16.

Tinhorão, José Ramos. 1997. *Os negros em Portugal: uma presença silenciosa*. Lisboa: Caminho.